

Um rastro de frustrações num ano de promessas

As atrações internacionais previstas prometiam grandiosidade nos palcos brasileiros, mas quase todos os projetos goraram. O Ballet da Ópera de Paris foi uma das raras exceções

Ana Francisca Ponzio

No começo de 1991, a dança prometia ser o centro das atenções no calendário de espetáculos. Mas, com o cancelamento do Carlton Dance Festival pela falta do patrocínio da Souza Cruz, ocorreu a primeira "baixa". As perspectivas melhoraram quando a 21ª Bienal Internacional de São Paulo anunciou as atrações de sua programação de eventos especiais — uma lista de convidados que, ao longo do ano, também se juntou ao bloco dos desistentes, à medida que se avolumava a crise financeira da mostra de artes plásticas. Com essa sucessão de planos desfeitos, a dança não conseguiu emplacar nos palcos brasileiros, deixando um rastro de frustrações — uma sensação de que poderia ter sido, mas não foi. Nesse contexto, o grande mérito ficou por conta do Grupo Corpo, que, com seu padrão internacional, se manteve como rara e privilegiada exceção no panorama artístico brasileiro (leia artigo abaixo).

A parte o desmoronamento dos eventos que poderiam garantir temporadas memoráveis, alguns espetáculos conseguiram marcar presença entre a dispersão geral. Por alguns dias, a carência do público brasileiro foi saciada pelo Ballet da Ópera de Paris, que por aqui passou com uma coleção de estrelas — entre elas, o diretor da companhia, Patrick Dupont — e um repertório que permitiu ao elenco mostrar todo o seu brilho e versatilidade. Com um programa assinado por autores como Serge Lifar, Balanchine, Jerome Robbins e William Forsythe, a trupe francesa interpretou do clássico ao moderno, permitindo ao público viajar, em alto estilo, através da história da dança. Para completar, o furacão Dupont comprovou, em *Salomé* (de Maurice Béjart), toda sua fama de superstar.

Outra companhia tradicional que retornou ao Brasil depois de prolongada ausência foi o Balé Real da Dinamarca. Só que em versão reduzida, ou seja, com um programa de três peças e apenas oito de seus 110 bailarinos. Essa fração de elenco contou, entretanto, com talentos como Nikolaj Hübbe e Heidi Ryom. Além do *Apollon Musagète* de Balanchine, o grupo interpretou um trecho do balé *Napoli*, de August Bournonville, uma personalidade histórica cujo estilo é cultivado fielmente pelos dinamarqueses. Transformando em paródia o requinte de companhias como essa, Les Balles Trokadero de Monte Carlo mostrou que a opção pelo deboche também exige virtuosismo. Com suas primas bailarinas peludas e desastradas, esse elenco só de homens virou pelo avesso os padrões de perfeição da dança clássica, garantindo momentos de bom humor, temperados com alto nível artístico.

Entre os assumidamente modernos, aqui estiveram Michael Clark e Stephen Petronio, Natsu Nakajima, Daniel Larrieu, Jennifer Muller e Siobhan Davies — compondo uma amostragem muito pequena com relação ao panorama efervescente da dança contemporânea internacional. Em meio a esse reduzido círculo, o brilho se concentrou em Petronio, Larrieu e Davies. Dividindo o espetáculo com



O Ballet da Ópera de Paris, em alguns dias, interpretou do clássico ao moderno, o que permitiu ao público viajar através da história da dança



■ Patrick Dupont (acima, esquerda), diretor do Ballet da Ópera de Paris; Nikolaj Hübbe (acima, direita), do Balé Real da Dinamarca; Maura Baiocchi e Antônio Nóbrega (ao lado), contribuição com suas pesquisas pessoais aqui

Clark, o escocês cujas provocações não causaram impacto desta vez, Petronio somou despojamento e criatividade em coreografias que representam algumas das melhores manifestações norte-americanas da dança atual. Já Larrieu, produto da mais refinada cultura européia, causou certo estranhamento com seu *Gravures* — espetáculo inspirado num poema de Petrarca, que pouco comunicou ao público que nele procurou referências convencionais. No final do ano, quando já se dava por encerrada a temporada internacional, o Conselho Britânico trouxe uma ótima surpresa: Siobhan (ou Chivôn, como se pronuncia) Davies, uma londrina que, com seu grupo, deu um show de talento e poesia.

Compensando a falta de intercâmbio com a arte do Primeiro Mundo e mesmo com os países vizinhos, o Projeto Contatos Cênicos, dirigido por Marcos e Rachel Ribas,

conseguiu estabelecer um projeto até então inédito: a formação de uma rede latino-americana cuja finalidade será facilitar turnês de artistas independentes. No intervalo de espera entre as atrações que, através dessa iniciativa, aqui estarão em 1992, o Contatos Cênicos valeu-se de seu convênio com entidades norte-americanas para trazer aos palcos brasileiros, pela segunda vez, alguns coreógrafos e bailarinos do circuito experimental de Nova York — um empreendimento louvável que, à custa do empenho pessoal dos Ribas, contou com Jonathan Stone e Grisha Coleman, Sarah Skaggs e Ron Brown (todos do Performance Space 122, um dos teatros da vanguarda nova-iorquina).

Para não naufragar junto com a economia do País, os artistas brasileiros da dança se valeram da própria capacidade de resistência. Com isso, conseguiram realizar eventos como o *Dança Nova*, no Teatro Brasileiro de Comédia, que permitiu a apresentação dos trabalhos de jovens artistas, como Renata Melo, Denilton Gomes e Ana D'Andrea Galmarino. Pesquisadores como Maura Baiocchi (afinada com os fundamentos do butô) e Antônio Nóbrega (voltado para a cultura do Brasil) deram sinais de evolução, apresentando resultados muito pessoais de suas investigações. Entre os mais veteranos, o Grupo Cisne Negro — embora não desfrutando a estabilidade financeira do Grupo Corpo — manteve a afinação de seu elenco e a qualidade de seu repertório, neste ano enriquecido com Mozartissimo, mais uma criação do romeno radicado na França Gigi Cacileanu. Encerrando o ano, o Cisne Negro ainda revelou o talento de uma coreógrafa brasileira: Ana Maria Mondini. E, se o Brasil esteve inviável para os artistas da dança, houve quem investisse no mercado internacional. Como o grupo EnDança, de Brasília, quase desconhecido fora de sua cidade, mas considerado um "milagre de paixão, sabor e imaginação" pelo jornal *The New York Times*.

Destaque

Uma luz com o Grupo Corpo

A companhia de dança, que tem o elenco homogêneo e um "corpo de baile masculino", sediada em Belo Horizonte, provou, definitivamente, que está à altura do Primeiro Mundo

No estagnado panorama cultural brasileiro, chega a ser um fenômeno a existência de uma companhia de dança como o Grupo Corpo. Em constante evolução nos últimos anos, em 1991 esse elenco sediado em Belo Horizonte provou, definitivamente, que o Brasil possui um "produto" artístico equiparável às melhores manifestações do Primeiro Mundo.

Com *Variações Enigma* e *Três Concertos* — criações lançadas neste ano — Rodrigo Pederneiras alcançou patamares acessíveis apenas a grandes coreógrafos. Com moderação, sem levandades, Rodrigo vem enriquecendo e aperfeiçoando seus recursos de linguagem. Nessas duas peças, ele mergulha nas composições de Edward Elgar e Georg Telemann para extrair novas possibilidades de movimentos, novos resultados cênicos. Para isso, continua utilizando uma combinação simples: música e dança — elementos que ele explora respeitosamente, sem interferir no fluxo original de cada um.

No repertório de Rodrigo não cabem trilhas sonoras, pot-pourris, reedições ou releituras musicais, mas a redescoberta de obras já con-

sagradas, trilhadas por inteiro, a partir da ótica do movimento humano. Da mesma forma, ele não subverte em profundidade a técnica do balé clássico, que sempre fundamentou suas coreografias. A partir dessa aparente despreensão, Rodrigo vem construindo um estilo tão pessoal quanto contundente.

Além de contar com um coreógrafo-residente desse calibre, o Grupo Corpo possui outros privilégios. Entre os detalhes que singularizam sua atuação, está o elenco em especial — super homogêneo nas suas qualidades — e o "corpo de baile" masculino em particular. Num país onde, principalmente para os homens, a dança não existe como profissão, o Corpo conseguiu revelar um naipe de ótimos bailarinos formado, entre outros, por personalidades como Rui Moreira, Werner Glik e Bernardo Gama.

Com precisão suíça, o Corpo vem afinando as peças de sua engrenagem. Contando com figurinista, cenógrafo e iluminador dispostos a ter na dança uma das especialidades, o grupo conquistou mais um tanto inédito entre as companhias de dança brasileiras. Vestidos por Freusa Zechmeister, delineados pela luz de Paulo Pederneiras, dançando em meio aos cenários de Fernando Velloso, os bailarinos de Rodrigo Pederneiras demonstram uma sintonia cada vez mais notável com sua equipe de colaboradores.

Para completar, há ainda um patrocínio anual da Shell que, sem o imediatismo da maioria das



O Grupo Corpo, contou, em 1991, com mais duas criações de Rodrigo Pederneiras, que alcançou pontos acessíveis apenas a grandes coreógrafos com *Variações Enigma* (fotos) e *Três Concertos*

empresas, vem apostando na progressiva atuação do Corpo. A partir desses alicerces, o grupo pode programar o futuro com tranquilidade: depois do sucesso nos Estados Unidos no ano passado, a próxima investida será a Europa, onde já está confirmada uma série de apresentações em 1992. (A.F.P.)

